

Banqueiros querem que o Brasil compra sua parte

ZURIQUE — Dirigentes e representantes dos principais bancos suíços e alemães admitem ontem que há perspectivas favoráveis para a aprovação do pacote bancário de US\$ 6,5 bilhões que faz parte da fase dois do projeto brasileiro, no fim da última reunião de exposição das medidas econômicas do Governo, mantida com o Presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore. A mesma impressão foi externada pelo Presidente do Banco Internacional de Compensações (BIS), Fritz Leutwiller, depois de almoçar com Pastore antes da reunião com cerca de uma centena de banqueiros da Suíça, Alemanha, Áustria, Lichtenstein e Luxemburgo, embora dela não tivesse participado.

Leutwiller, que fez questão de aceitar o convite para encontrar pela primeira vez na Suíça o novo Presidente do Banco Central do Brasil, disse que "a bola está agora no campo brasileiro" e que recebeu de Pastore garantias no sentido de "todo o esforço do Governo para a aprovação das leis salariais em tramitação no Congresso".

"Isto acontecendo, creio que não haverá maiores problemas para que o pacote se organize" — adiantou o Presidente do BIS, afirmado que, nesse caso, "o Brasil poderá contar com a simpatia dos três grandes bancos helvéticos" (que são a Union de Banques Suisses, o Crédit Suisse e Société de Banques Suisses).

JANOS LENGYEL

Correspondente

Essa tem sido, também, a impressão geral depois da reunião a portas fechadas, que durou quatro horas, no Hotel Internacional de Zurique. Banqueiros participantes afirmaram, ao sair, que "não há outra alternativa senão a aprovação da liberação dos US\$ 6,5 bilhões" embora alguns previssem que nem todos os 800 bancos visados estarão na lista definitiva da contribuição. Essa reação positiva já está, inclusive, se manifestando através dos primeiros telexes recebidos em Washington confirmados por William Rhodes, Vice-Presidente do Citibank e Presidente do Comitê de Assessoramento encarregado de conduzir as negociações bancárias com o Brasil. As outras comunicações de adesão têm prazo para chegar a Washington até o dia 10 de novembro, sendo a data limite para a confirmação com o FMI o dia 14 de novembro próximo.

No decorrer da reunião, a exposição de Affonso Pastore foi seguida por uma argumentação "extremamente firme, enérgica e positiva" do representante do FMI, William Dale, "a mais convincente feita até agora" na opinião de um dos participantes. Da parte da Suíça, o orador foi Markus Lusser, do Banco Nacional, tendo ainda usado a palavra William Rhodes, do Citibank, e Vice-Presidente do Bank of Montreal, Douglas Smee.

Tanto Pastore como os membros da Comissão de Coordenação tiveram de responder a uma série de perguntas de ordem técnica entre as quais ficou acertado o estabelecimento de 11 por cento como base do empréstimo, bem como a tendência para a aceitação de um prazo de nove anos, com cinco anos de carência.

Não obstante, nas suas declarações no fim da reunião, o Vice-Presidente Executivo da Union de Banques Suisse, Karl Janjoeri que conduziu os trabalhos, ressaltou o caráter puramente exploratório, cujas conclusões terão de ser, agora, submetidas às diretorias de cada banco representado para as decisões finais.

Janjoeri admitiu, entretanto, que houve "reação nitidamente positiva" da parte dos participantes "pelo menos ninguém disse não" nesse primeiro contato, como também nem todos os bancos eventualmente interessados estavam sendo representados em Zurique.

"Aqui nos reunimos para conhecer a exposição do Presidente do Banco Central brasileiro e para esclarecer todos os detalhes da questão. Os resultados virão depois" — disse Janjoeri, reiterando ainda uma vez que houve "ambiente positivo" nos debates. Pastore, por sua vez afirmou que não pode responder pelo Legislativo, mas que tudo está feito, no Brasil, para que a lei salarial venha a ser aprovada pelo Congresso.